

A VIDA NO PICADEIRO

Amor e trabalho movem
família que encontrou no circo
a realização de um sonho

TEXTO | **FERNANDA POLETTO e SABRINA SCHÖNARDIE**
FOTOS | **JOÃO DE QUEIROZ**

Imagine um jantar em família. Na cozinha, a mãe chama os filhos para que sentem à mesa, enquanto o pai, que chegou cansado do trabalho, beija a esposa e espera que todos se acomodem para poder comer. Agora imagine que um dos filhos, vestindo roupa de mágico, está testando nós em uma corda e que a filha mais nova, usando uma roupa de bailarina, anda de um lado para outro com um bambolê. Certamente em uma família comum, os pais pediriam para que as crianças deixassem as brincadeiras de lado e fossem jantar. Mas em uma família circense esta cena é bastante habitual, principalmente quando antecede a um espetáculo, até porque o pai e a mãe desta família também estão fantasiados.

Há dez anos, esta é a vida da assistente de picadeiro Franciele Ramos Ortiz, que aos 16 anos, recém saindo da adolescência, foi ao encontro do seu sonho e optou por viver dentro de um trailer, trabalhando em um circo. Ela teve uma infância tranquila na cidade de Cristal, localizada na Zona Centro-Sul do Estado, a 154 quilômetros de Porto Alegre. Todos os circos que passavam por Cristal acabavam se instalando em um terreno localizado em frente à sua casa. Franciele cresceu vendo as lonas sendo erguidas, e seu sonho de trabalhar no mundo circense foi aumentando.

Até o dia em que o circo Olympicus, que estava se apresentado na cidade, levantou acampamento. Franciele não teve dúvidas. Resolveu ir embora junto, sem se despedir de ninguém. Ela não poderia deixar de realizar um sonho de in-

fância. E também, por surpresa do destino, se apaixonou por Alan, mais conhecido como Palhaço Pirulito, filho mais velho de Seu Getúlio, o palhaço Dedé, dono do circo.

No começo, a família, principalmente seu pai, não aceitava o fato de ter uma filha se relacionando com um circense, pois, para ele, pessoas que trabalhavam no circo não eram vistas com bons olhos. Franciele até acha graça quando conta que o conselho tutelar de Cristal foi acionado. Ela teve que voltar para casa, mas rapidamente encontrou um modo de reencontrar seu amado. Com a ajuda da mãe, inventou para o pai que viajaria a outra cidade para visitar uma amiga e não voltou. "Adotei uma filha, para não perder o filho", conta Dona Sirlei, a sogra de Franciele.

Apesar das mágoas, em momento algum ela menciona estar arrependida de sua escolha. Com uma rotina bastante corrida, divide seu tempo entre os ensaios das apresentações, a criação de novos números, o cuidado e a manutenção das roupas de trabalho, além da atenção ao marido e aos filhos, Gabriel e Giovana, principalmente em relação aos estudos. Seu trailer, com um toque feminino, tornou-se uma casa bastante aconchegante apesar do espaço restrito.

Quando o trabalho vira brincadeira

Em uma ida ao circo, qualquer adulto volta a ser criança, nem que seja por alguns momentos. Brincar, comer pipoca, dar boas gargalhadas e até sonhar. Os adultos que trabalham no circo vivem essa transformação todos os dias. Podem soltar a

Giovana mostra
suas habilidades
sob o olhar atento
do irmão, Gabriel



Três gerações de
palhaços - Dedé,
Pirulito e o
pequeno Alisson -
divertem a plateia





Franciele e Alan
vivem com os filhos,
Gabriel e Giovana,
num trailer





imaginação sem medo de serem ridicularizados. Para eles, fazer com que o público volte a ser criança e brinque na sua companhia é o objetivo a ser alcançado quando sobem no picadeiro.

Este sentimento não é diferente entre os pequenos itinerantes que trabalham no circo. Sem deixar de serem crianças, já vivem uma rotina de gente grande. Eles têm as mesmas responsabilidades dos pais e avós. Além das apresentações que às vezes chegam a três por dia, ainda ensaiam uma hora e meia por dia, ajudam na criação de suas personagens e aprimoram seus números. Também vendem comidas e bebidas para o público, alternativa que ajuda a manter o circo. Mais que se divertirem, eles são conscientes da sua importância para que o circo continue de pé.

Mas não é só isso que torna essas crianças diferentes das outras. Elas vivem na corda bamba entre o sonho e a realidade. São mágicos, homens-pássaro, trapezistas, palhaços. Elas são a materialização dos desejos de todas as crianças. É comum, após as apresentações, ver outros pequenos em torno dos artistas mirins para prestigiá-los e até mesmo interrogá-los sobre algumas curiosidades. "Já chegaram até a nos perguntar se a gente come", conta Alex, 15 anos, malabarista. Dona Sirlei, dona do circo, diz que conversa bastante com todos para que não se tornem afetados com o fato de serem artistas. Ela também faz questão que eles sejam bons exemplos, que não sejam reconhecidos com maus elementos do circo, pois infelizmente, ainda hoje, como ela mesmo diz, ainda existe preconceito em relação aos profissionais circenses.

Dona de uma elasticidade incrível, Giovana, seis anos, filha de Franciele, se apresenta como contorcionista e boneca de pano. Quando tinha quatro anos, a família percebeu que a pequena tinha talento e começou a treiná-la. Ela conta que adora o que faz e que a ideia de criar o número partiu dela. Gosta de ensaiar e vê os treinos como mais uma brincadeira. E não perde a oportunidade de se exibir nas novas escolas quando os colegas ficam sabendo que ela é circense. Seu irmão, Gabriel, 8 anos, preferiu seguir a carreira de mágico.

Vida nas alturas

E foi de brincadeira que Alexandre dos Santos, o homem pássaro de 12 anos, aprendeu a voar. Com dois anos começou sua carreira no circo como palhaço, aos cinco fazia chicote, mas foi aos dez que descobriu que sua vocação estava nos tecidos. O filho mais novo de seu Getúlio diz que sonha em seguir os passos do pai e que só optaria por outra profissão se fosse para ser médico, para poder cuidar da sua família. Já tem várias fãs e uma comunidade no Orkut.

Quem observa de fora, talvez se questione se artista de circo leva uma vida normal. Uma preocupação constante para a família são os estudos das crianças. Mesmo ficando pouco tempo em cada lugar, os pais fazem questão que os pequenos frequentem a escola. Para isso, eles têm o respaldo de uma lei que garante que os filhos dos profissionais itinerantes tenham vaga assegurada em qualquer escola mediante a apresentação de um certificado da escola de origem.

Apesar disso, as crianças encontram algumas dificuldades para estudar. Em cada escola que chegam, é uma matéria diferente que está sendo ensinada. No entanto, para o malabarista Alex, que atualmente está cursando a 8ª série do Ensino Fundamental, isso não é um empecilho para aprender. Ele conta que não acha difícil acompanhar diferentes conteúdos. "Tendo vontade é a conta", diz o malabarista.

Quando se apresentam, é possível ver nos olhos daqueles artistas mirins o prazer de estarem no palco e a satisfação de ouvirem os aplausos do público, um brilho que só tem quem sabe que está realizando um sonho. Um sonho mágico que a cada espetáculo faz com que os adultos da plateia tenham um novo encontro com a sua infância, e se despeçam por algum tempo de uma vida regrada e até mesmo sem graça. Talvez o público se questione: "Será que essas crianças não estão perdendo sua infância trabalhando tão cedo?" Agora pergunte a elas se deixariam de trabalhar por algum momento, ou se estão arrependidas de seguir o ramo da família. A resposta certamente será não. Franciele que o diga, pois ela preferiu ficar longe dos pais, mas perto da magia do picadeiro.

IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Foram tantas as ideias, que poderíamos titular nossa trajetória como "a procura da fonte perfeita". Não é simples optar por uma pauta sem ter noção de onde encontrar a fonte. Inicialmente, nossa matéria se tratava da perda da infância devido ao trabalho e ao encontro com a maturidade. Pensamos em entrevistar a mini miss mundo, depois optamos pelas crianças catadoras de lixo, mais tarde por um senhor que compra materiais recicláveis e acabamos passando horas em meio ao mal cheiro à beira de um arroio. A segunda parte de nossa matéria seria entrevistar uma universitária que mora sozinha, com o intuito de saber como foi seu processo de amadurecimento. Mas algo nos dizia que ainda não era esse o foco. Foi quando vimos que havia um picadeiro em nosso caminho. E como diria nosso professor Juan, "fonte perfeita é aquela que rende matéria". Entramos não somente no picadeiro, mas também na vida da família Santos. Pessoas que nos receberam com simpatia e disposição para falar. Melhor ainda: tinham uma bela história de vida para contar.